



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

CALDEIRÃO DE VOZES - A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS.

Maria Lucivânia de Freitas Braga

Pós - Graduada do curso de Mestrado - UFC

E-mail: lucyvaniabraga@gmail.com

Resumo

O presente trabalho narra a história de três mulheres escritoras, que lutaram por seus direitos e adotaram pseudônimos para escrever em jornais e revistas. A máquina do tempo que usamos no cenário é uma licença poética para que esse enredo se crie e aconteça na EEMTI Maria Zenóbia. Em cena, três estudantes e atrizes representando mulheres escritoras que fizeram de sua trajetória um exemplo a ser pesquisado. Alba Valdez, Emília Freitas e Raquel de Queiroz são apresentadas nesta obra literária e artística pelas artistas Beatriz Pereira, Emilly Lima e participação de uma artista convidada, Jamile Nojosa, todas alunas da segunda série do Ensino Médio. Caldeirão de Vozes nasceu e ferveu para que essa narrativa contasse a história do machismo sofrido por essas mulheres ao não serem nomeadas na Academia Cearense de Letras. A idoneidade incorrupta nos consagra a evocar essas mulheres em nossa arte e escrita.

Palavras-chave: Mulher. Protagonismo. Equidade.

Introdução

Se existisse uma máquina do tempo, uma engrenagem que nos possibilitasse uma volta ao passado? Não pretendo e nem ousar narrar a história de uma volta aleatória por Roma Antiga ou até mesmo conhecer quem invadiu o Brasil, no entanto busco contar a narrativa de um passado bem próximo, vivenciado aqui no Ceará. Contar a história da Academia Cearense de Letras, a partir do viés feminino. Tantas mulheres protagonistas de suas vidas, de suas artes, de suas escritas e que não são citadas na história da academia. Esta entidade literária surge dentro de Fortaleza para abranger a cultura cearense, não somente literatura, mas também, artes, ciências e educação. A primeira publicação, *O ceará 1896* (Sucupira, 1895), buscava retratar e salvaguardar a cultura cearense, dentre os acadêmicos, apresentando somente nomes masculinos. Nessa mesma época, mulheres publicaram com codinomes para ocultar suas identidades, visto que era negado o direito à literatura e à arte ao sexo feminino.

Trabalhamos com a pesquisa e o laboratório criativo dentro desse tema. Identificamos a importância de retratar a história da Academia Cearense de Letras pelo olhar feminino e pela visão artística das estudantes da escola. Colocamos em pauta a



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

história dessas mulheres e como suas trajetórias marcantes, dentro da literatura, fizeram-nos navegar pelo tempo.

É respeitável, é memorável relatar a história dessas mulheres, donas de casa que, com seus pseudônimos, contaram histórias e aumentaram pontos, contos e cantos para além das fronteiras de suas cidades, percorrendo as estradas e asfaltos do nosso Ceará. O feminino, se unindo, em 1904, criou a Associação de Letras, (Castro, 2019), essas escritoras criaram revistas, novas histórias a serem lidas, então, foram perseguidas por escrever sobre política, por lutar por seus direitos.

Desenvolvimento

Mulheres que lutaram com as armas que tinham, a escrita literária em suas revistas “masculinizar-se pela prática de fatos heróicos, pela grandeza das ações e nobreza dos sentimentos”, (Galeno, 1931), há no feminino sua carga heróica, o fato de gerar uma vida, de lutar por suas histórias, de cuidar do lar, de fugir do lar para continuar sendo casa e colo de outros, a grandeza do zelo e amor, a nobreza de escrever com sentimentos e não se calar.

Ser mulher é um ato heroico! Precisamos destronar a masculinidade e trazer a feminilidade dentro desse enredo artístico e histórico, Facó já citava tais desigualdades e se ampara na literatura para denunciá-las, pautando a visão machista e misógina do homem “fez da mulher fonte sedutora de suas distrações e deu-lhe para campo de suas ações o lar, somente o lar”. Casa é para onde você volta, lar é o lugar que você não quer sair, caixa é onde os homens colocam suas esposas e as jogam de um lado para outro como uma mercadoria, Facó lutava contra isso, contra essa prisão, para um dia ter sentimentos bons ao voltar e ficar. Ser mulher é um ato heroico!

Objetivo geral: Investigar as mulheres escritoras que poderiam ter ocupado um lugar na Academia Cearense de Letras. Objetivos específicos: Elencar as mulheres acadêmicas e pesquisadoras literárias. Apresentar uma esquete artística e lúdica dessas mulheres, ocupando seus lugares simbólicos. Reconhecer a importância das obras dessas mulheres para a literatura cearense.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Figura 1 - No círculo Emília Freitas, no retângulo Alba Valdez e no quadrado Raquel de Queiroz.



Fonte: Google imagens.

Um caminhar ensaiado, uma mente aguçada e um sorriso no rosto, é assim que caminhavam as mulheres escritoras que se faziam presentes com suas narrativas inspiradoras. Nos deem uma caneta, ou melhor um notebook e amedrontados por nossas escritas nos atacaram.

Proclamo isto com orgulho.

Escrevi.

.....

**A pena agarrava-se me nos dedos
inteiriçados. Não caiu. Não cairá! Morrerá
comigo a fiel companheira. Força
invencível a do amor.**

**Vivi. Louvei a ideia que alimenta e purifica.
A obra que salva. Associei-me, por meio do
pensamento escrito, a tudo que denotava
cunho de utilidade e interesse coletivo
dentro da órbita em que me agitava.**

(Alba Valdez, 1930)

**É pouco, é quase nada! – opinarão alguns.
E eu replicarei: - É movimento. É vibração.**

(Alba Valdez, 1937)

A força invencível de Valdez, pseudônimo de Maria Rodrigues Peixe, assinava esse nome para fugir do olhar julgador de seus pais que acreditavam que a escrita só pertencia ao masculino. A escrita que alimentou Alba é a mesma que nos nutre a criar o espetáculo *Caldeirão de vozes*, em que três estudantes e atrizes recriam a trajetória dessas mulheres no século XIX. Alba Valdez, Emília Freitas e Raquel de Queiroz encontram uma passagem no tempo/espaço, viajam para o século XXI e investigam se suas escritas ainda impulsionam outras mulheres cearenses a ler, a escrever, a seguir uma profissão que desejam e ao direito do voto.

É muito, é quase imensurável, nós opinamos Alba, dentro desse espetáculo mostramos que você foi injustiçada em 1922 (Sousa, 2019), mas hoje sua história será recontada, usando a licença poética das artes.

Figura 2 - As três alunas caracterizadas com suas personagens. Representando Emília Freitas - Beatriz Pereira, 2°C. Representando Alba Valdez - Emilly Lima, 2°C. Representando Raquel de Queiroz - Jamile Nojosa, 2ªA.



Fonte: Acervo pessoal.

Emília Freitas, quando ingressou na *Sociedade das Cearenses Libertadoras*, uma sociedade abolicionista, discursou lindamente “oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é sem compensação guiada pelo poder da vontade, (CASTRO, 2019). Ela é impávida em suas palavras, demonstra de estroinice para os masculinos que tentaram quebrar com palavras baixas em seus jornais sua honradez e integridade profissional. Ela continua usando de ironia para com aqueles que zombaram de seus talentos com a pena, relatando que seu livro não tem padrinho como tantos outros, não tem atavios e muitos menos adornos estonteantes como é a escrita de muitos charlatões da época, não é um livro escrito em salão banhado a ouro, ou uma escrita “emprestada”. Freitas finaliza sua fala relatando que: é antes a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, numa coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa (2003, "Ao Leitor"). É de uma sensibilidade e delicadeza, é uma mulher convocando outras para a luta.

Raquel de Queiroz, a primeira cearense a entrar na Academia Brasileira de Letras, com sua pena fez história, reconta a história dos retirantes em O Quinze, em 1930, “Fome demais tira o juízo”. Em seus livros aborda uma escrita regionalista retratando a vida no sertão e a vilania dos ricos sobre os pobres.

Fui tomar satisfação a meu pai sobre esses assuntos do céu:

"O povo diz que o céu é lá em cima e o inferno é lá embaixo.

Mas se a Terra é redonda e tem céu em toda a volta, onde fica o inferno?"

Meu pai, meio agnóstico, meio crente, me deu uma palmadinha carinhosa e se saiu: "O inferno é aqui mesmo. Vá brincar!"

Nos embasando na vida dessas três mulheres e suas escritas, criamos uma obra artística, *Caldeirão de Vozes*, em que relatamos as injustiças que fizeram suas nomeações dentro da Academia Cearense de Letras acontecerem de forma tardia.

Figura 3 - Desenho da capa do projeto



Fonte: Desenhista e estudante Anaely Cavalcante da 2ªB.

Investigamos a representação da mulher na Academia Cearense e Brasileira de Letras, entendemos a disparidade da masculinidade perante o feminino. Buscamos elencar mulheres, pesquisadoras, escritoras, artistas e autoras de suas vidas, o feminino tomando posse. Encontramos mulheres que poderiam tomar posse de suas cadeiras nos anos de 1882, 1842, 1857, 1874, 1917, 1923 e 1977, ano em que Raquel de Queiroz tomou posse.

Nossos pensamentos se unem dentro de uma obra artística que aborda vida e obra de três escritoras cearenses: Alba Valdez, Emília Freitas e Raquel de Queiroz. A história se passa no século XIX em que três mulheres encontram uma máquina do tempo e embarcam em uma viagem para o século XXI, elas buscam descobrir se seus escritos revolucionaram o Ceará contemporâneo e se deparam em um mundo novo. Essa máquina do tempo, produzida pelos estudantes da Eletiva de Artesanato, faz uso de engrenagens feitas de papelão e mangueiras velhas; trabalha a poeticidade cênica.

Nossa pesquisa é bibliográfica, visto que investigamos a história dessas mulheres por meio da revista A Quinzena, 1887. Nossa pesquisa-ação se dá efetivamente com a proatividade das estudantes nos laboratórios de criação, respeitando a vida e obra dessas literárias, mas usando da licença poética para modificar, artisticamente, as cenas. Com o desenvolver do trabalho e da conclusão do espetáculo/esquete, usamos o caderno de bordo para deixar rastros da criação.

Figura 4 - Máquina do tempo criada na eletiva de artesanato



Fonte: Acervo pessoal.

As estudantes entraram em cena com o espetáculo Caldeirão de Vozes, para que pudéssemos mostrar a obra pronta. O palco escolhido foi a sala de multimeios da escola, local de acolhimento para elas, e a indumentária usada na encenação foram vestes que representavam o traje usado no século em que as autoras viveram. As espectadoras dessa obra, ao término do espetáculo, puderam ter um debate com as protagonistas sobre como foi construída a esquete e sobre a origem dos figurinos e da produção do cenário.

O texto e partituras da esquete foram criados pela Professora da disciplina de Artes, Luci Freitas, o figurino foi cedido pelo acervo de figurinos do Teatro José Alencar e o cenário foi construído pelos estudantes da Eletiva de Artesanato. Além desse debate,

as alunas responderam a um formulário com as seguintes perguntas: Você conhecia alguma das autoras citadas no espetáculo? Você sabia que essas mulheres deixaram de tomar posse na Academia Cearense de Letras, por serem mulheres e em seus lugares colocaram homens? Você adquire e lê mais livros escritos por mulheres ou por homens? Entendemos que muitos estudantes da escola EEMTI Maria Zenóbia não conheciam as autoras citadas no espetáculo: Alba Valdez, Emília Freitas e Raquel de Queiroz, as espectadoras afirmaram não ter consciência das lutas travadas por direitos iguais e nem imaginavam o sofrimento enfrentado por essas escritoras, para que pudessem tomar posse de suas cadeiras e para existirem, diante de uma sociedade que não dava voz a mulher.

***Partitura: Abafaram nossa voz
Mas se esqueceram de que não estamos sós
Abafaram nossa voz
Mas se esqueceram de que não estamos sós.
Música: Para todas as mulheres.
Autora: Mariana Nolasco***

Figura 5 - Apresentação do espetáculo, três atrizes e as estudantes espectadoras da obra. A professora orientadora e a professora convidada a assistir.



Fonte: Acervo pessoal.

Acreditamos que essa obra artística trouxe uma nova compreensão das lutas e dos direitos, no caso a ausência destes, das mulheres autoras da época retratadas na apresentação e que, mesmo diante de tantos entraves, elas não se apagaram, mas continuaram escrevendo por tantos anos. Nos questionários aplicados, via Google forms, podemos constatar que muitas meninas sequer imaginavam que em outros séculos as mulheres precisavam de autorização para trabalhar. Assim, usamos da licença poética para



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

criar uma máquina do tempo e perguntamos o que elas pensavam sobre, no próximo século, os salários serem equiparados entre homens e mulheres, muitas acreditam ser uma ideia utópica e outras tem o instinto de Alba Valdez.

Considerações finais

Acreditamos que essa obra conscientizou e munuiu-se de saber muitos estudantes da escola. Entendemos que nosso espetáculo está rico em informações literárias, trouxemos à vida a obra de mulheres potentes e cearenses. Compreendemos que a Academia Cearense de Letras ganharia muito com a posse dessas mulheres, que ocorreu de forma tardia, levando sempre o patriarcado avante.

“Foi imensamente importante, amei o espetáculo Tia, as meninas arrasaram na interpretação da personagem, eu conhecia a Raquel de Queiroz, sempre vemos O Quinze, em Português e História, é bem triste tudo que elas passaram, se elas pudessem ver tudo que elas e a gente já conquistou, se a máquina do tempo fosse real, seria um grande Caldeirão de Vozes”. (Lorena, 2024)

O feminino exaltado nesse texto traz à cena a luta, a pureza, a força e a inteligência dessas mulheres. As meninas, mulheres e estudantes que pesquisaram sobre essas autoras se sentiram gratificadas e felizes, por rememorar as obras de três cearenses que saíram do interior do estado e ganharam o mundo, os séculos e a contemporaneidade.

Referências

CASTRO, Carla. **Resquícios de memórias: dicionário biobibliográfico de escritoras ilustres cearenses do século XIX**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

KETTERER, Valérie. **Mulheres de letras no Ceará (1880-1925) dos escritos à cena pública**. Revista de Letras - Volume 18, nº2, jul/dez 1996.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH São Paulo, julho 2011.

SILVA, Leila Corrêa e. **“IGNOTAFEMINISTA-FANTÁSTICA”: A RAINHA DO IGNOTO (1899), DE EMÍLIA FREITAS**. Revista Abusões, nº20, 2022.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

SUCUPIRA, Luís. "**Antônio Martins, o Jornalista**", In Revista da Academia Cearense de Letras, n2 46, Fortaleza, 1985-86, p. 21

SOUSA, Keyle Samara Ferreira de. **ALBA VALDEZ: A PALAVRA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA LITERATURA E DA IMPRENSA CEARENSE**. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, Paraíba, 2019.